

### The New Disney of Jupiter Editions

22:49 Estamos em tempo real. Estou a escrever no quarto. O D.K. está na sala. Não está a assistir ao filme-documentário... “Não pode assistir”... “Não pode dizer que está a assistir”. “Vais assistindo em silêncio... Caladinho... Como se não estivesse a assistir...” “Vai-me dizendo por códigos do que não gosta e eu vou tirando noutros códigos as partes que são para se tirar...” [Mas algumas partes têm de ficar... Se não, depois fica difícil construir o puzzle. Se faltarem duas ou três peças... Tudo bem... Podemos construir um puzzle como o de Guarnica e vemos que “só faltam” duas ou três peças... Mas se faltarem muitas, fica mais difícil de construirmos o puzzle... Combinámos que enquanto eu estivesse a realizar o filme-documentário estaríamos “separados”. Quero ir rapidamente, outra vez, para os braços do D.K... É só um sacrifício para podermos passar uma vida inteira juntos. Disse ao D.K. que só precisava até domingo. Dei-lhe um novo prazo, porque ganhei mais tempo por ter uivado para a Lua Cheia... Como estamos separados e estou aqui no nosso quartito a realizar o filme, o D.K. está entretido na TV...

Mudámos de personagem. No mesmo cenário, dentro do mesmo filme, mudámos de repente de personagens. As personagens, de repente, vestiram outra personagem.

Às vezes oiço a Disney a entrar no filme-documentário... O Fred está a ver a Disney... O Fred fez-me prometer que tinha de ver a Disney, o Rei Leão, o Spider Man, o Batman... Mas eu fiz “figas”. Agora ficou chateado... Diz que eu não sei cumprir promessas e disse que eu tinha prometido... Mas eu já disse ao Fred que vejo a Disney quando *O Algoritmo do Amor* começar a vender... Quero transformar parágrafos d’*O Algoritmo do Amor* em episódios da New Disney da Jupiter Editions... Tive a ler umas páginas d’*O Algoritmo do Amor* ao Fred que eu gostava que a Jupiter Editions transformasse em desenhos animados e o Fred disse que eu não sei construir parágrafos, porque era muito grande. Mas eu disse-lhe que isso era uma das minhas *skills*... Escrever um parágrafo grande bem construído... É claro que tive de me defender... Mas o Fred disse que até me faltava o fôlego a falar... Mas eu estava cansado e deitado. Tive de me levantar e ler como deve de ser para ele ver que estava bem escrito... Mas o Fred diz que está mal escrito... Li as páginas de Neptune... Talvez o Fred não tenha gostado que eu tenha contado a história de Neptune... Talvez o Fred goste mais das histórias de Saturn. Talvez goste mais de Saturn do que de Neptune e do que de Jupiter... Acho que o Fred nem percebe esta tensão de Jupiter, porque não tem as referências de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi... Eu não tenho as da Disney e ele não tem as de *Jupiter*. Parece que o Fred me mete num programa, num romance, mas depois não me deixa escrever sobre o romance, porque parece que ele já está a ser “escrito” numa outra New Disney... Tudo por causa da Disney... Uma discussão por causa da Disney... Nem posso acreditar que a nossa discussão tenha ido parar à Disney... O Fred queria que fôssemos ver os desenhos animados logo pela manhã... Eu a querer ler *O Algoritmo do Amor* e o Fred a tapar os ouvidos e a cantar uma música da Disney... O Fred é mesmo infantil!!! Não liga nenhuma a’*O Algoritmo do Amor*. Parece que não gosta do que eu escrevo. Nunca abre os meus livros. Nem ele nem a Catharina. Até hoje o livro que eu lhe ofereci está a ganhar pó nos móveis. Ofereci-lhe um dos 6 exemplares da 1ª Ordem da 1ª Impressão... Talvez estejam a fazer bruxarias com o livro... Os Von Der Maase parecem uma família de médicos feiticeiros. Lidam com magias às escondidas da Medicina. Até a Helena, tem um livro de magia escondido. Querem à luz das velas chamar Satanás à frente de um espelho para ver se ele aparece. Têm data marcada e tudo. E lá vou ter de chamar Satanás de mãos dadas com médicos e psiquiatras num teatro maçónico dos diabos só para lhes provar que eu não tenho medo nem acredito em Satanás... Parece que montaram um teatro satânico por causa de mim... Mas depois do teatro, se alguém lhes perguntar se eles acreditam em Satanás, todos vão dizer que não e vão se rir muito. Mas é mentira!!! Há uns que acreditam, há uns que o adoram. Eu não acredito, muito menos adoro! Espero que o Fred também não acredite. Já perguntei ao Fred, se ele afinal acredita ou não

acredita. Acho que tenho o Direito de saber. Mas ele jurou-me que não. N’O *Algoritmo do Amor* eu mandei Satanás à merda... Fui obrigado a editar Satanás para o Diabo Entre Aspas... Parece que os adoradores de Satanás souberam maçonicamente e não gostaram e puseram-me todos num maçónico joguinho psicológico para ver se eu acredito ou não em Satanás. Não acredito, já disse! Sou mais satânico do que os satânicos! Não acredito em nada fantasmagórico... Desde o dia 26 de abril de 2021 que tudo mudou. De repente, as coisas mudaram. Parece que de um lado uma maçonaria dos diabos foi fazer as compras dos ingredientes da receita do livro de magia negra para lançar um feitiço *Ao Algoritmo do Amor*... E parece que uma outra maçonaria soube do feitiço e agarrou num livro de magia branca para mandar uma boa-maçonaria fazer as compras certas... Uma boa maçonaria viu os ingredientes da magia branca n’O *Algoritmo do Amor* e foi fazer compras no dia 26 de abril de 2021... As salchichas do talão mágico não são de porco, são de frango! Nem pude falar do talão mágico ao Fred. Não pude falar com ninguém. Simplesmente tive de o publicar. Queria que eu guardasse em silêncio o “talão mágico”, para ficar com os “fantasmas” e os “macaquinhos” na cabeça... Se eu mostrasse ao Fred o “talão mágico”, ele dizia-me que tinha sido o meu pai ou que eu talvez tivesse trazido o “talão” do quarto de salva-vidas da Villa dos Piratas e nem me tivesse apercebido... Enfim... Ia falar da minha memória... Ia-me dizer que eu não me lembrava... Ia dizer que eu esqueço-me de tudo como começou agora a dizer... Dá-lhe jeito... Se for preciso ele até vai buscar os meus primos que também dizem que eu me esqueço de tudo... Vivem todos numa psicologia académica. Não sabem como funciona de verdade o cérebro. E como não sabem, já sei que o Fred ia atacar as minhas memórias... Ia olhar-me com os seus olhos psiquiátricos para ver o que eu “estava a pensar” sobre tudo... Ia perguntar o porquê de eu não ter perguntado ao meu pai sobre o “talão mágico”. Mas eu já sei como é que as coisas funcionam em casa. Sei que o meu pai iria “lavar as mãos” e ia dizer que eu deixei a janela aberta e que por “magia” talvez tivesse sido o vento soprado pel’O *Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom. Ou ia gozar e ia dizer que talvez eu tivesse deixado entrar n’O *Algoritmo do Amor* os *Cavaleiros Tecnológicos* de Barac Bielke... Enfim... Parece que brincam com a minha vida... Parece que gostam de me ter nas mãos deles... Parece que isso lhes dá prazer... Verem-me “encurralado”... Encurralarem-me... Querem que eu me sinta num Beco sem Saída... Só que eu invento sempre saídas. O jogo é meu. Eu sou editor. Consigo editar. Consigo acrescentar. Eu sou realizador. Querem dar-me cabo do filme, mas eu sei como salvá-lo! Sei como fazer um novo filme. É só realizar. Acham que eu sou apegado às histórias que eu escrevo e às personagens... As personagens são uma invenção. A qualquer momento eu posso matá-las. É só um filme... É só um filme que estou a realizar dentro do documentário em tempo real da Jupiter Editions.

O Fred, de repente, não liga nenhuma ao que escrevo. Tem uma vasta rede neuronal de médicos, mas nem sequer partilha *O Algoritmo do Amor* pela rede... Não faz sentido. As primas Rot de Psicologia que também têm uma vasta rede neuronal de psicólogos não partilham *O Algoritmo do Amor*... Parece que não posso falar de Psicologia só porque não sou psicólogo. Parece que não aceitam que eu seja “psicologia”. Eu não sou “a Psicologia”. Nunca disse isso. Mas sou psicologia, tal como sou direito. Sou muito psicológico, sou muito jurídico. Cada vez que agora falo sobre psicologia, o Fred pede-me sempre as referências. Mas dantes não me pedia. Ficava sempre a ouvir-me a falar. Dizia que tudo o que eu dizia fazia sentido. Mas de repente, tudo mudou o sentido. Diz que eu já não faço sentido. Não faz sentido!!!

Parece que o Fred ganhou uma nova personagem. Parece que o Fred teve de ganhar uma nova personagem para me proteger, para salvar de uma estranha forma *O Algoritmo do Amor*... Teve de ganhar uma nova personagem, porque todos ganharam. Até os meus primos. Agora, até os meus primos obrigam-me com esta minha idade a ver a Disney... Dizem que eu tenho de ver a

Disney para perceber “os filmes da vida”. A Disney parece que me persegue... Todos querem que eu veja a Disney. Não tenho as referências. Não vi a Disney. Só vi partes muito curtas. Quando estava alojado na Villa dos Piratas e vinha cansado da vigia de salva-vidas na Ilha dos Piratas, para chegar ao meu quarto eu tinha de passar pela sala... Eu só queria era escrever assim que chegasse ao quarto, mas tinha uma série de distrações, de obstáculos... Tinha às vezes uma Disney a dar na TV... Lembro-me uma vez da anja Agatha a ver o Dumbo. Tive de parar para ver o Dumbo. Fiquei a pensar como era uma pena as crianças todas verem o Dumbo, mas depois irem ao Jardim Zoológico com os telefones nas mãos e filmarem o sofrimento do “Dumbo” e não fazerem absolutamente nada. Acharem “normal” isto... Não quero culpar a Disney de nada... Mas acho que a Disney tem de ser conciliada com a National Geographic... [23h02] Vi só um um bocadinho e perguntei à anja se o Dumbo era da Disney. Ao contrário das outras pessoas, a anja não ficou indignada por eu não saber. Respondeu-me naturalmente. Porque eu mostrei à anja os 9 livros. Escondi-os dentro do armário do meu quarto de salva-vidas. Agora que escrevo isto, acho que não fotografei. Gostava de ter fotografado o esconderijo no meio das conchas. Fiz do meu parapeito e da mesa de cabeceira um museu de conchas. Vi depois, noutra vez, como era importante a Disney, porque vi um festival de caveiras... Percebi porque é que eu afinal tinha antes medo de caveiras... Porque não vi a Disney? Não... Não, necessariamente... Tinha medo, porque puseram-me medos. O importante, é nós sabermos lidar e dar cabo de todos os medos. O importante é não ter medos. Vi que a Disney poderia ser interessante nesse sentido... Talvez tire os medos aos miúdos... Mas é importante os miúdos saberem sair do mundo da Disney e conseguirem ver a realidade. Saberem que o mundo não é a Disney. Mas talvez todos saibam disto, talvez os pais não passem um inferno com os filhos agarrados à Disney. Talvez eu esteja só a dizer coisas que não fazem sentido... Acho que só os professores é que me percebem. Sei que uma “maçonaria dos diabos” mostra o que eu escrevo às crianças, aos adoradores da Disney e depois tenho um exército de crianças criminosas que me querem matar, só porque eu não vejo a Disney. O que digo, não é fantasia. Talvez numa escola, algures, no Planeta Terra, neste preciso momento, uma criança esteja a sofrer de Buyling na escola ou de Cyberbuyling só porque diz que não vê a Disney ou porque não quer ver a Disney. Inventei um Direito Penal das Crianças. Há crianças más que fazem a vida negra às outras crianças. Eu gosto de crianças, mas não gosto de crianças más, porque há crianças más. Há quem nasça mau. E eu não gosto dos maus. Só gosto dos bons. Eu já escrevi e volto a escrever. Eu sou criador e produtor, porque não vi a Disney. Se me tivessem posto a Disney à frente, como um chip, ou como uma Bíblia, eu tinha referências na minha cabeça, tinha os nomes todos da Disney. E quem diz Disney, diz Marvel e outros mundos. Quando somos realizadores, nós gostamos de realizar. Não gostamos de ficar a ver as realizações dos outros quando não nos deixam realizar. No entanto, quando também nos deixam realizar, quando também nos deixam produzir, nós começamos a interessar-nos pelas produções dos outros. Lembro-me de um ex-namorado, que me queria pôr a ver a Disney e os Simpsons. Só que eu não via. Vi só um episódio, mas vi só um bocadinho e adorei! E por ter adorado, sabia que não podia continuar a ver, senão ia deixar de produzir para ver as produções dos Simpsons. Isto é como tudo. Podemos fazer as analogias que quisermos. Eu chamo sempre as formigas. Num formigueiro, as formigas são chipadas e há uma Rainha que inibe que as formigas produzam determinadas hormonas que depois vão “encantar” as outras formigas... Os soldados da Rainha, os soldados do sistema, como algoritmos, assim que vêm que uma formiga está a produzir hormonas proibidas vai logo lá anestesiar a formiga “maldita”. Eu sou um “maldito”. Para muitos, sou um “maldito”. Há uma espécie de formigas que conseguem ter liberdade para se “apaixonarem” e saírem do formigueiro e montarem o seu próprio formigueiro. São formigas mais avançadas. Mais complexas, que têm capacidade de se apaixonar, que fazem enterros, que produzem medicamentos, que fazem agricultura... São insetos sociais espetaculares... Estas formigas precisam das formigas menos complexas para a sua própria sobrevivência, no entanto não imitam o sistema delas... Fazem-no diferente. Eu sou

esta espécie de formiga. Não sou macaco de imitação. Não gosto de ser macaco de imitação. Mas sei sê-lo. No teatro, consigo imitar todos os macaquinhos de imitação. Consigo por isso imitar o meu ex-namorado, os suspiros que ele fazia, a forma como ele me olhava quando se passava por eu não querer ver a Disney, tudo... Ao pormenor... Consigo fazer os diálogos todos psicóticos dele... Ele não me dizia que seguia uma “aplicação de deuses”, uma “aplicação de satanás”, em que acreditava em deuses não sei das quantas, acreditava em magias e por isso andava com livros de magias para aprender a fazer magias... Aproveitei a história deste namorado no Processo da Ilha dos Piratas, onde o vi através da aplicação. Com “os deuses”, vi como ele era burro e seguia uma “aplicação dos diabos” que o instrumentalizava e que instrumentalizava o nosso namoro. O nosso namoro não passou por isso de um “produto dos deuses” que nos ouviam através do microfone, que nos viam através da câmara... Lembro-me como ele me dizia que “eu tinha de ver”. “Se eu quisesse continuar a namorar com ele, eu tinha de ver, para ganhar referências”... “O cabrão, estava era algemado a uma maçonaria dos diabos que me mandava ver coisas...”... “O cabrão, era só um algoritmo. Estou num filme documentário em tempo real, são 23h29. Nos *Illuminatti Games* passei por uma experiência de memórias psiquiátrica cinematográfica em que vi os desenhos do “bruxo” do meu ex-namorado... Ele desenhava... Pintava... Desenhava em forma de desenhos animados as figuras dos “deuses” dele... Vi como os “deuses” deles tinham também a figura dos membros da Legião de Ezequiel. É giro, quando com o nosso cérebro, conseguimos aceder ao mundo das legiões, das maçonarias e das fantasias. Todo este dark side não passa de uma fantasia. Não gosto de dark sides mas puseram-me aqui obrigado a escrever um dark side para salvar O Algoritmo do Amor... Querem que eu pega fogo O Algoritmo do Amor. Eu pego. É só darem-me um isqueiro que eu pego fogo, se esse fogo salvar O Algoritmo do Amor. Eu quero voltar para os braços do Fred!!!! Já chega disto!!!! Fogo!!!!!! 23h48 19/01/2022

20h37 20/01/2022 Parece que o D.K. viu o que eu escrevi sobre a Disney com os seus “olhos alienígenas tecnologicamente avançados”. Gosto desta expressão que acabei de escrever. Acho que me saiu bem em tempo real. [20h38]. O D.K. pôs-me a chorar de manhã. Perguntou-me se me podia mostrar uma curta-metragem de 6 minutos... Lá disse que sim. Não comunicamos através de vídeos. A última vez que o D.K. me tinha pedido para ver um vídeo foi há uns 3 anos... Enfim, já sabia que eu ia gravar para sempre o vídeo que fosse ver... Lá fiz o “sacrifício”... O cabrão pôs-me a chorar com um vídeo da Disney. Parecia que estava numa Cirurgia em Tempo Real só de estar a ver os gráficos da Disney. São muito fortes! São espetaculares! Vi o vídeo Lava. Um vulcão que cantava enquanto via os casais de golfinhos e tartarugas felizes e esperava também pelo amor... Um vulcão debaixo de água ouvia-o a cantar, até que o vulcão vem para cima, mas ele afunda, mas depois numa nova explosão de lava de amor ele vem para cima e fica junto do outro vulcão felizes para sempre... Era como se eu fosse o vulcãozinho mais pequeno que tinha ido ao fundo mas depois subido e o D.K. era como se fosse o vulcão que tinha estado sempre a ouvir-me a cantar pelo amor. Enfim. Acabei a chorar e o D.K. também. Gostei muito. Disse-lhe que não ia ver mais. A curta-metragem não foi de 6 minutos, foi de 9 minutos. O cabrão enganou-me. 20h49 Raul Catulo Morais © Todos os Direitos Reservados

[Espero que as crianças quando forem à praia lembrem-se que os casais das tartarugas e dos golfinhos que aparecem na Disney existem na vida real na forma real animal e que não deitem lixo para a praia e saibam que uma palhinha na areia pode matar um golfinho ou uma tartaruga. Foi só um aparte.] [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com)